

O GRUPO NA FONOAUDIOLOGIA: ORIGENS CLÍNICAS E NA SAÚDE COLETIVA

Speech and Language Therapy and the Group: clinical and coletive health sources

Ana Paula Ramos de Souza ⁽¹⁾, Anelise Henrich Crestani ⁽²⁾, Clair Rezende Vieira ⁽³⁾,
Famiely Colman Machado de Machado ⁽⁴⁾, Larissa Llaguno Pereira ⁽⁵⁾

RESUMO

Tema: o grupo na Fonoaudiologia. **Objetivos:** revisar pesquisas envolvendo a efetividade de abordagens grupais na Saúde Coletiva, mais especificamente na Fonoaudiologia e na Psicologia, na realidade brasileira. **Conclusão:** em todos os relatos de caso o grupo foi a forma eficaz e eficiente de intervenção, em função de seus pressupostos teóricos consistentes.

DESCRITORES: Terapeutica;Saúde Pública; Fonoaudiologia; Psicologia

■ INTRODUÇÃO

Reunir-se em grupos é uma característica essencial dos seres humanos que nascem, crescem e morrem inseridos em grupos sociais. Ao longo do ciclo vital, as habilidades interpessoais, o desempenho de papéis designados pela cultura e a solução de problemas ocorrem nas experiências grupais. ¹.

A preocupação em se estudar grupos, em especial nas ciências humanas e da saúde, tomou força com o surgimento das grandes crises mundiais,

época em que se tornou fundamental trabalhar com grupos, em função da escassez de agentes de saúde. Hoje, além de possibilitar o atendimento de grandes demandas em serviços públicos, o grupo tem sua importância reconhecida na determinação do comportamento individual ².

A ênfase em grupos, com características específicas, ganhou corpo na estrutura celular do movimento feminista por meio dos chamados grupos de reflexão, nos quais se procede a uma socialização das vivências pessoais. A grande particularidade desses grupos de gênero foi a ausência do terapeuta, fazendo com que a troca de experiências, coordenada por um membro do próprio grupo, determinasse o rumo da discussão. No caso dos grupos de mulheres, a experiência grupal representou uma construção de estratégias coletivas de resistência para as mulheres, uma estrutura básica de trabalho e investigação, assim como uma instância de ancoragem do cotidiano ³. Observa-se, por outro lado, que a presença do terapeuta é importante no contexto da saúde mental. Essa modalidade de atendimento psicológico alcançou nas últimas décadas uma expansão extraordinária e tem sido aplicada a uma ampla gama de pacientes, na abordagem de diversos problemas e em distintos contextos, ou seja, clínica particular, hospitais gerais e psiquiátricos, hospitais-dia, ambulatórios e centros de saúde ⁴, oficinas protegidas, centros de convivência e serviços de reabilitação psicossocial ⁵.

⁽¹⁾ Fonoaudióloga; Professora do Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana e do curso de Graduação em Fonoaudiologia da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil; Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

⁽²⁾ Fonoaudióloga graduada pelo Curso de Fonoaudiologia e Mestranda em Distúrbios da Comunicação Humana da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

⁽³⁾ Aluna do curso de Graduação em Fonoaudiologia da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

⁽⁴⁾ Aluna do curso de Graduação em Fonoaudiologia da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

⁽⁵⁾ Aluna do curso de Graduação em Fonoaudiologia da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Conflito de interesses: inexistente

Zimerman ⁶ salienta a diferença entre grupo e agrupamento, descrevendo grupo como um conjunto de pessoas que partilham de um mesmo interesse e tem um objetivo em comum entre as quais há interação e vínculos emocionais. No agrupamento, não há interação nem vínculos, pois ele se caracteriza por um conjunto de pessoas que ocupam um mesmo lugar mas que ainda não constituem um grupo.

O grupo terapêutico fonoaudiológico surgiu na década de 1980, momento em que o aspecto preventivo começa a se delinear na área. Os profissionais, deparando-se com uma grande quantidade de indivíduos que necessitavam de atendimento nas Unidades Básicas de Saúde, começaram a optar por esse tipo de trabalho, já que não haveria possibilidade de assistir a todas as pessoas individualmente ⁷. Com o passar do tempo, estudos demonstraram que muito mais do que uma opção para atender a demanda, o grupo terapêutico pode ser um importante “lugar” de trocas, vivências culturais e partilha de conhecimentos ^{8,9}. Essa modalidade tornou-se importante em todas as áreas da Fonoaudiologia ^{8,10-14}

Considerando a relevância do grupo na promoção e reabilitação da saúde, e sua forte teorização pela Psicologia, o objetivo deste artigo é realizar uma revisão das pesquisas envolvendo a efetividade de abordagens grupais na Saúde Coletiva, mais especificamente na Fonoaudiologia e na Psicologia, na realidade brasileira. Pretende-se, desta forma, trazer subsídios para a reflexão sobre esta estratégia tão importante para o cuidado em saúde em seus distintos níveis. Especificamente, objetiva-se analisar as principais estratégias de abordagem grupal e descrever a eficácia e eficiência de estratégias grupais em Psicologia, em Fonoaudiologia e nos espaços de atenção primária e secundária em saúde. Priorizaram-se trabalhos com participação de fonoaudiólogos para esta revisão.

■ MÉTODOS

A revisão foi realizada a partir da busca nas bases de dados Medline e Scielo-Brasil, com consulta a revistas de Psicologia, Saúde Coletiva, Enfermagem e Fonoaudiologia. Unitermos como intervenção grupal, grupos, grupos de auto-ajuda, terapia grupal foram consultados e a partir de diversas rodadas foram selecionados trabalhos a partir dos seguintes critérios;

- Que efetivassem intervenções grupais nos distintos níveis de atenção em saúde (primária, secundária e terciária);
- Que abordassem aspectos teóricos da intervenção grupal;

- Que analisassem os efeitos grupais na área de Psicologia, Fonoaudiologia e Saúde coletiva;
- Foram priorizados os estudos dos últimos 05 anos em todas as áreas, excetuando alguns artigos introdutórios do tema na Fonoaudiologia. Também, nesse sentido, foram inseridos alguns livros e dissertações considerados fundamentais para as áreas investigadas.

Para análise foram elencadas três grandes categorias expositivas:

- Grupos na Psicologia: categoria fundamental tendo em vista ser a primeira profissão a investigar cientificamente a utilização da terapia grupal;
- Grupos na Saúde Coletiva e o começo da Fonoaudiologia na atuação grupal: categoria na qual há interface de atuação das distintas profissões em saúde, nas quais o fonoaudiólogo se insere em sua atuação nos níveis de atenção primária e secundária.
- Grupos na Fonoaudiologia: categoria que objetiva refletir sobre os avanços dessa estratégia na prática clínica.

Essas mesmas categorias serviram para construir o processo de análise.

■ REVISÃO DA LITERATURA

A partir da revisão dos artigos e livros consultados foi possível sintetizar os principais aspectos investigados na intervenção grupal nas categorias Grupos na Psicologia, na Fonoaudiologia e na Saúde Coletiva.

Grupos na Psicologia

A partir da década de 1920, com a crescente influência da psicanálise, surgiu tanto na Europa como nos EUA grupos de abordagem psicanalítica ¹⁵. No século XX na Europa, Moreno e, nos EUA, Pratt foram os precursores do trabalho com grupos. Neste período inicial, nos Estados Unidos, os grupos eram formados basicamente por pacientes internados e portadores de uma mesma enfermidade, já em Viena, eram grupos de moradores de rua e prostitutas.

As teorizações que sustentam a prática da psicoterapia grupal são, em sua maioria, marcadas por descrições universalizantes sobre seu processo, seus fatores terapêuticos e suas formas de composição e classificação, alternativas ao atendimento individual. Enfatizam-se, dessa forma, os processos interativos e se favorecem práticas mais abrangentes e inclusivas, criando-se uma especificidade dos relacionamentos e trocas convencionais que ocorrem neste tipo de terapia ¹⁶.

Apesar das críticas já produzidas com relação à essencialização do grupo como objeto teórico e às práticas que este sustenta ¹⁶, considera-se que a teoria e a pesquisa neste campo ainda demandam referenciais teóricos e metodológicos alternativos. Há, no entanto, um consenso do papel do terapeuta. Este possui a função de promover e colaborar com o progresso e crescimento do cliente, encorajando-o a atingir a autoconfiança, independência e integração pessoal, de maneira a tornar-se capaz de criar e encontrar suas próprias soluções. O terapeuta procura facilitar a participação e interação dos membros, de modo que eles consigam verbalizar livremente sobre os seus pensamentos e emoções. Para tanto, apóia os participantes, media conflitos e assegura o cumprimento das regras estabelecidas. As comparações que surgem por meio da observação da problemática alheia, expressa por meio de opiniões, sentimentos, comportamentos e atitudes, podem contribuir para a melhora do conhecimento e da compreensão pessoal, fazendo com que surja uma nova compreensão de si mesmo e do mundo, para que se torne possível corrigir distorções relativas a características próprias e gerar maior aceitação pessoal ¹.

A prática da psicoterapia de grupo tem apresentado um acentuado crescimento na realidade brasileira, constituindo um dos principais recursos terapêuticos nos mais diferentes contextos de atendimento. Seu crescimento foi impulsionado, sobretudo por mudanças no campo da saúde mental, originadas a partir dos movimentos de reforma psiquiátrica que visavam a reintegração social do paciente ⁵. Nesse cenário, as intervenções em grupos de apoio e de curta duração se sobressaíram, constituindo, atualmente, modalidades terapêuticas fundamentais, sobretudo nas instituições. Esses grupos são caracterizados por meio da inserção de objetivos realistas e específicos; uma relativa homogeneidade entre seus participantes, principalmente quanto a diagnósticos clínicos ou situações interpessoais similares; e posturas mais ativas por parte de seu coordenador, por meio do oferecimento de conselhos, sugestões e apoio ¹⁶. Assim, caracterizam-se pela função de ajudar as pessoas a lidar com estresses relacionados a situações emocionais ou crises. Além disso, podem ser considerados um “laboratório social”, no qual os membros tornaram-se capazes de reproduzir os papéis que ocupam no cotidiano de suas relações. Assim, o grupo constituiu-se como espaço terapêutico capaz de possibilitar a atuação de determinados fatores terapêuticos que ajudam o indivíduo em sua tomada de consciência como ser social ¹⁷.

As mesmas autoras ¹⁷ encontraram os seguintes fatores terapêuticos em um grupo de pacientes psi-

quiátricos atendidos em serviço público de Ribeirão Preto: **catarse** (valoriza a liberação de sentimentos positivos ou negativos), **altruísmo** (sensibilidade para com os problemas dos outros), **universalidade** (reconhecer que não é o único com problemas), **instilação de esperança** (encontrou conforto e esperança a partir do trabalho grupal), **aprendizagem vicária** (aprendeu algo com outro do grupo), **orientação** (valoriza os conselhos dos outros), **aceitação/coesão grupal** (sente-se aceito pelo grupo), **auto-revelação e auto-entendimento**. Poucos referiram **desesperança** pela angústia ao abordar seus problemas no grupo e **distanciamento** dos temas tratados. A classificação em fatores terapêuticos constitui uma das possibilidades de estudo do fenômeno grupal que visa apreender algumas dimensões do processo terapêutico. Segundo Vinogradov e Yalom ¹⁸, a presença dos fatores terapêuticos nos diversos grupos existentes pode variar em função de algumas forças modificadoras, como o tipo de grupo e as diferenças individuais entre os participantes. Essa asserção favorece a compreensão de algumas possibilidades e de alguns limites do grupo em questão, a partir das vivências terapêuticas e não-terapêuticas de seus pacientes, e permite favorecer a composição grupal não só pelo estabelecimento de diagnóstico clínico, mas também as condições individuais para o tratamento, as motivações e os padrões de relacionamento interpessoal ¹⁷.

Lemos e Cavalcante Jr. ⁵ revisam três abordagens terapêuticas grupais:

- Humanista: cujo foco é a liberdade, conscientização e experiência enquanto elementos essenciais da condição existencial do homem. Pontuam que a criação de laços de solidariedade viabiliza a terapia grupal;
- Método (con)texto de letramentos múltiplos: advém da educação. O conceito de letramento, lhe é fundamental enquanto conceituação e práticas sociais de leitura, de escrita e de linguagem expressas por múltiplas formas de representação de sentidos. A expressão livre de sentimentos, pensamentos e lembranças a partir da própria experiência cultural permite que o relacionamento comunitário ⁵.
- Psicologia positiva: considera que o clima de aceitação cria a condição de implicação do **entre** que ocorre no grupo, e possibilita a transformação pessoal e mobiliza a mudança social. O grupo permite que o indivíduo exerça a autenticidade e conte com a empatia necessária para implicar-se no processo de tornar-se pessoa (aquí evocam o humanismo *rogeriano*). Tal abordagem diferencia-se das abordagens tradicionais, pois enfoca o bem-estar e a qualidade

de vida, e busca transformar antigas questões em novas oportunidades de crescimento.

Em termos de características dos membros grupais, Zimerman ⁶ afirma que dentro de um grupo os indivíduos acabam assumindo os seguintes papéis:

- **Líder:** alguém de quem o grupo depende, e de cuja personalidade vai derivar as qualidades do grupo;
- **Silencioso:** é quem pode estar sendo um “porta-voz” das ansiedades dos demais;
- **Bode expiatório:** é o indivíduo em que são depositadas as ansiedades do grupo, seria um “bobo da corte”;
- **Porta-voz:** tem o papel de manifestar aquilo que o restante do grupo pode estar pensando ou sentindo, algumas vezes. Esse indivíduo pode ser transformado em um bode expiatório e assim pode aparecer o fenômeno da segregação;
- **Vestal:** é alguém que assume o papel de zelar pela manutenção da moral e dos bons costumes;
- **Sabotador:** é o integrante que, por meio de inúmeros recursos resistenciais, procura obstaculizar o andamento da tarefa grupal;
- **Estrangeiro:** é um membro recém-chegado ao grupo, que poderá ser tratado com muita hostilidade ou ser ignorado pelos demais;
- **Espelho:** é o indivíduo que reflete no grupo a sua própria imagem, onde ele percebe que suas vivências e sentimentos não são apenas seus, outros podem estar passando pela mesma situação ou sentindo o mesmo que ele;
- **Condensador:** é aquele que é apático e passivo por algum tempo e, de repente, explode de emoção;
- **Historiador:** é aquele que lembra tudo o que aconteceu anteriormente nos mínimos detalhes;
- **Radar:** é a pessoa mais regressiva do grupo, ele capta a mensagem e a manifesta.

Ávila ¹⁹, abordando o conceito de Trofolaxes e sua repercussão no grupo, afirma que existe uma cultura grupal que estabelece um papel para os integrantes. A circulação desse papel se dá pela linguagem que permite a troca de algo muito íntimo, na forma de “nossa química psíquica” ¹⁹. Para sustentar o deslocamento do conceito de trofolaxes (processo de comunicação química entre insetos sociais), relembra o conceito de pulsão freudiano (fronteira entre o somático e o psíquico) sobre o qual se constroem as relações sociais. Tais relações sociais, conforme afirma Pichon-Rivière ²⁰, permitem a arquitetura psíquica do ser e a construção do conhecimento, que, segundo Maturana, é fruto de interações. Aborda ainda, no artigo, o quanto o desenfreio individualismo e narcisismo

da sociedade atual tem contribuído para o esfacelamento dos laços comunitários e o surgimento da psicopatologia.

Especificamente, em relação aos aspectos discursivos e conversacionais, Guanaes e Japur ¹⁷ afirmam que o construcionismo social (estuda construção de sentidos por meio de práticas discursivas) e a poética social (investigação de processos conversacionais em que o pesquisador interage com objeto de pesquisa) são fundamentais na compreensão da potencialidade terapêutica grupal. Acreditam que a dialogia no grupo possibilita a construção de sentidos para a mediação de avanços no processo grupal.

Outro aspecto revisado nos estudos de psicologia sobre grupos é a questão do poder no grupo. Zanella et al. ²¹ analisam uma situação de um grupo envolvido em retratar a situação em que trabalhavam e em como a coordenação do grupo, assumida democraticamente após período de indefinição, foi fundamental para que o trabalho fluísse. Assim a definição clara de quem ocupa a posição de líder é fundamental para a organização grupal, sendo que a valorização do processo democrático nessa definição é fundamental para que o líder tenha o poder necessário para coordenar o grupo.

Ainda em termos organizacionais, Bunchaft e Gondim ²² investigam os efeitos do grupo focal (estratégia de conversação na qual o moderador ou terapeuta aborda temas sem diretividade) na organização de uma cooperativa popular de trabalho de costureiras em Salvador. Esse estudo demonstra que o grupo, além de seus aspectos terapêuticos, é ferramenta fundamental para organização comunitária no mundo do trabalho. Tal aspecto também é abordado em estudo que relata atividades grupais com portadores de lesões por esforços repetitivos e/ou distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (LER/DORT) ²³, demonstrando que o portador de LER/DORT pode diminuir sua culpabilização e reforçar sua independência e a autonomia, minimizando o sofrimento psicológico associado à dor crônica e aos limites impostos pela doença.

Outro estudo ²⁴ analisando os atos de fala de adolescentes (6^a, 8^a séries do ensino fundamental e 1^a e 3^a séries do ensino médio) acerca do conteúdo de gênero em uma cena de telenovela, observou a importância do grupo focal no processo educacional e no estudo do desenvolvimento do adolescente. Ainda com adolescentes, Coutinho e Rocha ²⁵ estudaram os grupos de reflexão como uma forma de intervenção clínica com adolescentes que pode ocorrer em ambientes distintos (escola, instituições de acolhimento, projetos sociais), tendo como base a psicanálise, desde que questões emergentes no grupo não sejam obturadas ou julgadas ²⁶, mas

respondidas pelo próprio grupo. Basta que um(ns) ocupe(m) a função de analista(s), dirigindo-se a outro(s), tomados como sujeitos do inconsciente e considerando a transferência como fruto do endereçamento de algo que é dito e pode assumir outro sentido, para que a análise se dê na atividade grupal. O analista poderá em grupo operar, movimentando significações cristalizadas (sintoma). Para tanto, o principal é garantir o lugar de alteridade no grupo para que as falas possam ser endereçadas e ser apropriadas pelos seus membros e os sujeitos possam se situar diante desse Outro, produzindo um prazer em nome próprio.

Grupos na Saúde Pública e o começo da Fonoaudiologia na atuação grupal

Friedman et al.² relembram autores que afirmam que, no Brasil, sobretudo na saúde pública, concepções sobre grupos, o coletivo, o trabalho em equipe estão na ordem do dia. Cada vez mais fica constatada a importância do trabalho e se desenvolvem diferentes tipos de grupos, entre os quais se pode citar: grupos de crianças, de pais, de famílias, de idosos, de hipertensos, de gestantes, de diabéticos, de laringectomizados, de portadores de Doença de Alzheimer, etc.

Grupos envolvendo familiares e vítimas de abusos físicos ou psicológicos têm se mostrado eficazes para auxiliar famílias abusivas e fazem parte das estratégias de promoção da saúde das populações^{3,27}. Promoção da saúde é entendida como processo de capacitação da comunidade que atua na melhora da qualidade de vida e saúde, incluindo a criação de ambientes favoráveis, a construção de novas parcerias e o entendimento da violência como desafio a ser superado²⁷.

Para ofertar à comunidade uma boa qualidade de vida é necessário assumir a perspectiva da promoção da saúde, a qual implica uma concepção abrangente e positiva. Tal concepção deve estar inserida em práticas que se encontrem tanto no âmbito individual/clínico, quanto no coletivo/comunitário que devem estar embasadas por ações educativas de características dialógicas, democráticas, participantes, problematizadoras e transformadoras²⁷.

Segundo Merlo et al.²³, a inclusão da proposta de trabalho com grupos como tratamento complementar tem-se mostrado mais abrangente na esfera clínica do que o trabalho tradicional realizado por apenas uma especialidade e assim, capaz de satisfazer a complementaridade que é exigida pelas características da própria patologia e das doenças ocupacionais em geral. Esse fato pode ser visualizado nos resultados de Silva et al.⁴, que relatam uma intervenção grupal educacional e terapêutica

para o controle de diabetes mellitus e hipertensão, em seguimento ambulatorial de uma unidade básica de saúde (UBS). Trabalharam com 191 pacientes, observando uma redução relativa de 42% nos indicadores de glicemia e absoluta de 26%, demonstrando que a equipe interdisciplinar foi efetiva no processo educativo. Interessante observar que os coordenadores gerais do processo foram o clínico geral, a fonoaudióloga e a assistente social, demonstrando que mais do que a identidade profissional em si, está em questão, no trabalho de saúde coletiva, uma formação humanística mais ampla.

Outros tantos estudos são exemplos nessa área. Lemos e Calvacante Jr.⁵ realizaram estudo em que a psicologia de orientação positiva é proposta no trabalho de grupos de saúde mental, em especial grupos de fóbicos-ansiosos e depressivos em um CAP. Souza et al.²⁸ relatam um programa de educação acerca de doenças sexualmente transmissíveis (DST) com adolescentes, por meio de 10 oficinas de trabalho grupal no município de Goiânia. Em ambos os resultados dos grupos foi extremamente positivos. Houve uma evolução favorável em 62,59% dos casos de depressão no primeiro estudo e mudanças de comportamentos em relação à proteção durante o sexo no segundo. Já Meneghel et al.³ relatam oficinas de mulheres acerca do tema violência doméstica, cujo efeito também foi positivo, pois permitiu que contornassem os problemas domésticos de violência de gênero e a solução de outros problemas familiares.

Conforme Correa⁷, registros mostram que as primeiras intervenções fonoaudiológicas em grupo começaram a ser realizadas no Brasil na década de 80. Neste período não passavam de iniciativas isoladas que tinham como palco os serviços de saúde pública. Essas práticas tinham como motivo principal, a necessidade de agilizar o atendimento, absorvendo a demanda de usuários e, portanto diminuir as filas de espera de quem buscava por atendimento nas instituições de saúde. Santos¹⁰ ainda salienta que neste período, os atendimentos grupais fonoaudiológicos, sem referenciais teóricos que os norteassem, eram estruturados com base, sobretudo em critérios como: a quantidade de sujeitos e tipo de patologia apresentadas por eles.

Na Figura 1, sintetizam-se alguns grupos realizados em espaços institucionais nos quais se obteve sucesso em intervenções promocionais em fonoaudiologia.

Grupos clínicos na Fonoaudiologia

A Fonoaudiologia, historicamente, caracteriza-se por atendimentos individuais. Atendimentos em grupos, entretanto, têm-se mostrado como uma alternativa perfeitamente possível e revela

Autores e data	Tipo e objetivo grupal	Estratégias e resultados
Penteado, et al. ²⁹	Grupo de 42 professores (25-52 anos) para promoção da saúde vocal – realizado na escola	Nos grupos de voz são feitas reflexões sobre as mudanças das relações entre trabalho e saúde do professor. Ao refletir e falar sobre os problemas vocais e situações de trabalho, abriram-se novas possibilidades para solucionar coletivamente os problemas.
Penteado et al. ³⁰	Grupos de saúde vocal com 36 crianças de pré-escola, realizados na escola	Constituiu-se num grupo de vivência vocal que facilitou a potencialização de ajustes vocais adequados e prevenção do abuso vocal nos participantes.
Brites et al. ³¹	Grupos focais para a formação de agentes comunitários de saúde para promoção da saúde fonoaudiológica, realizada na UBS	Foram realizados grupos de focais de concepção de nova educação em saúde nos quais abordaram-se temas promoção da saúde em comunicação no ciclo vital e também prevenção de distúrbios da comunicação. O empoderamento dos ACS foi possível na relação horizontal de educação em que o diálogo foi a forma de troca de experiências no grupo.
Gonçalves ³²	O estudo analisou programa de apoio e reabilitação para trabalhadores com PAIR em uma metalúrgica por meio do convite dos trabalhadores, avaliação auditiva, aplicação do <i>hearing handicap inventory for adults</i> , audiometria nos interessados e validação dos resultados	Houve melhora nas estratégias de comunicação dos trabalhadores e mudanças comportamentais ante as dificuldades comunicativas, com diminuição na percepção do handicap em 71,4% dos trabalhadores participantes do programa.
Gonçalves ³³	O estudo relata implantação de programa de preservação auditiva em uma metalúrgica, com análise do percentual de trabalhadores com PAIR entre 67 investigados numa metalúrgica com médias de ruído entre 83 e 105 dB(A)	Os resultados identificaram 38,8% de trabalhadores com alteração auditiva sugestiva de perda ocupacional, 7,5% com perda não ocupacional e 53,7% de trabalhadores com limites aceitáveis. A média de tempo de serviço exposto ao ruído foi de 12 anos, de idade 31,9 anos e 67,2 % utilizavam protetor auricular constantemente. A autora ressalta que programas de preservação auditiva não devem limitar-se à avaliação auditiva, mas propor ações que contribuam para mudança de atitude em trabalhadores e suas chefias.
Chun et al. ³⁴	Avaliação do conhecimento de 45 acadêmicos de jornalismo sobre suas vozes e a relação com o futuro profissional.	Os alunos demonstraram conhecimentos similares aos leigos, mas preocupação em melhorar o desempenho para a profissão. Os resultados sugeriram a necessidade de se implementarem programas de promoção de saúde e desenvolvimento da potencialidade vocal nessa população.
Almeida e Ferreira ³⁵	Objetivaram verificar a resposta de adolescentes a um <i>site</i> sobre voz, em que esta foi apresentada não apenas como produto mecânico, mas também como instrumento de comunicação. Foram efetivados questionários antes e depois da navegação.	Os resultados obtidos com 139 sujeitos do gênero masculino e 173 do gênero feminino, com predomínio na faixa etária de 18 a 19 anos (41%) demonstraram a percepção da voz como produto mecânico do corpo (62,8%). Tal conceito foi ampliado para produto da comunicação após acesso ao site, fato visível pelo aumento de citações aos hábitos nocivos (de 802 para 1201) e benéficos (de 736 para 1121). Em relação ao gênero, os rapazes demonstraram mais atribuições negativas à voz pelo momento de instabilidade vocal. Os autores concluem que o acesso à Internet pode ser utilizado como espaço de intercâmbio profissional entre o profissional da saúde e as populações que dela fazem uso, sobretudo adolescentes e jovens.

Figura 1 – Experiências grupais em promoção e prevenção na Fonoaudiologia

uma relação diferente, por meio da qual torna-se possível emergir raivas, discordâncias, crenças, cumplicidade com pares e mudanças de atitudes marcadas pela reflexão²⁹⁻³⁵. Trabalhar com grupo revela-se não como um espaço no qual se fazem prescrições, nem como um espaço mágico, gerador de transformações rápidas e eficazes, mas como um local para reflexões, que permite respeitar diferenças e apoiar-se nas experiências de outros para que cada um, dentro das suas limitações e possibilidades, faça (re) significações acerca da sua problemática³⁶.

Ainda de acordo com Panhoca e Bagarollo³⁷, pensar em atendimento grupal na clínica fonoaudiológica é visto como um grande desafio, tendo em vista que a concepção de “patologia” da comunicação humana está fortemente vinculada a uma visão médica, que prioriza o atendimento individual voltado para a “cura da doença”.

Entretanto, Leite e Panhoca⁸ ressaltam que propostas recentes de atuação fonoaudiológica em grupo têm ganhado espaço nos últimos anos, considerando-se que ele é um espaço amplo e importante no processo de construção conjunta de conhecimentos, trocas de experiências e (re) significações. Estudos como o de Mercucci e Panhoca⁹ aprofundam reflexões acerca de algumas concepções implicadas nos atendimentos fonoaudiológicos e focalizam as contribuições dos grupos terapêuticos na construção de processos favoráveis ao desenvolvimento da linguagem e da subjetividade.

Vale destacar que, com ampliação do trabalho fonoaudiológico com os grupos e a complexidade de situações com as quais o fonoaudiólogo passa a se deparar neste contexto de trabalho, afirma-se a necessidade de a área assumir como seu domínio de investigação a intervenção grupal³⁸.

A mesma autora refere que trabalhar com grupos, mais que uma forma de atender às necessidades econômicas ou organizacionais e também mais do que uma estratégia facilitadora é uma abordagem terapêutica potencialmente capaz de contribuir para emergir o processo de desenvolvimento da linguagem do sujeito como um todo. O grupo traz novas possibilidades de relações, cujos agentes veiculam grande quantidade de informações, trocam experiências e conhecimentos.

Em relação ao papel do fonoaudiólogo no grupo, Machado et al.³⁹ afirmam que este deve ser o de mediador e o de interlocutor, uma vez que circunscreve as práticas de linguagem como um recurso de expressão dos sujeitos e suas necessidades, favorecendo o processo de construção do grupo, pela facilitação da dinâmica da comunicação entre os integrantes do grupo.

Na figura 2, sintetizam-se as principais experiências grupais clínicas em Fonoaudiologia.

A partir das experiências relatadas, pôde-se perceber a possibilidade do trabalho terapêutico grupal ser efetivo e eficaz na Fonoaudiologia, resolvendo e/ou amenizando o impacto social dos distúrbios da comunicação. Reitera-se, no entanto, que isso só foi possível a partir de uma perspectiva que assuma a linguagem como uma forma de inserção/reinserção e de sustentação do sujeito no meio social.

Como se verificou na revisão, o grupo enquanto espaço de intervenção clínica é teorizado na psicologia, mas ganhou maior abrangência enquanto prática de cuidado na saúde coletiva, impulsionado pela alta demanda de pacientes e grupos de risco no âmbito dos centros de atendimentos psicossociais e nas unidades básicas de saúde.

Na saúde coletiva, o grupo é uma estrutura básica de trabalho e ao mesmo tempo de investigação das condições de populações de usuários do Sistema único de saúde. Vários grupos de promoção com crianças, gestantes, idosos são formados para oferecer educação em saúde, com o objetivo de criar ambientes favoráveis ao desenvolvimento humano pela adoção de hábitos e estilos de vida saudáveis que tragam mais qualidade de vida à população. Por outro lado, há a abordagem de sujeitos em grupos de risco e/ou com doenças crônicas como hipertensos e diabéticos⁴ e mulheres³. Nessas experiências o coletivo é priorizado tanto na abordagem dos usuários quanto na oferta de um modelo multidisciplinar de intervenção, já que há experiências relatadas nas quais profissionais de várias áreas da saúde atuam. Técnicas originárias da educação (letramentos múltiplos) são associadas a técnicas idealizadas na psicologia (dinâmica grupal, psicologia de orientação positiva), somando-se a técnicas que estão sendo desenvolvidas no campo comunitário⁵. Ressalta-se em todas as intervenções que os aspectos culturais do grupo devem ser considerados para se lograr sucesso nos mesmos e que o papel do terapeuta é fundamental¹ para que se possa mediar questões como a disputa por poder que surge no grupo²¹.

Os trabalhos revisados demonstram ainda que a educação e a promoção da saúde podem abranger distintas populações em distintas instituições^{24,27} entre elas o ambiente laboral^{22,23}.

Experiências fonoaudiológicas na saúde coletiva demonstram trabalhos de promoção da saúde vocal^{29,30,34} e de prevenção e/ou reversão de distúrbios auditivos em trabalhadores^{32,33}. Destaca-se o trabalho de uso criativo da Internet como mecanismo novo de acesso a grandes grupos³⁵. Os trabalhos relatados demonstram que há a necessidade da

Autor	Quantidade sujeitos	Pontos positivos
Leite e Panhoca ⁴⁰	Grupo de 6 crianças(6-9 anos) para terapia da voz	Terapia fonoaudiológica pode proporcionar modificações positivas quanto a qualidade vocal em crianças disfônicas
Mourão et al. ⁴²	Grupo de 10 laringetomizados (47-74 anos)	O trabalho em grupo ajudou os sujeitos laringectomizados totais, a assumirem novamente a direção de sua vida e retomar suas relações interpessoais e profissionais; Os participantes desse grupo tiveram a possibilidade de desenvolver atitudes altruístas e solidárias;
Bascolo et al. ⁴²	Grupo de 20 pais de deficientes auditivos	Os pais tiveram a possibilidade de compartilhar seus conhecimentos, dúvidas e sofrimentos com os outros pais. O trabalho ajudou a amenizar o sofrimento existente após a confirmação do diagnóstico da deficiência auditiva. A fase inicial da terapia em grupo foi marcada por muita tristeza e dificuldade de aceitar o diagnóstico dos filhos.
Moret et al. ⁴³	Grupo de 144 pais de deficientes auditivos, estes na faixa etária de 0 a 5 anos, com abordagem de temas como desenvolvimento afetivo, cognitivo, motor e temas relativos a avaliação e reabilitação auditiva, com questionário antes e depois do grupo	Houve diferença estatisticamente significativa no conhecimento dos pais sobre todos temas antes e depois dos grupos, exceto acerca de habilidades auditivas. Observaram a necessidade de se atender, na preparação do grupo de formação, as necessidades relacionadas com o nível de escolaridade dos pais.
Santos, Couto e Amorin ⁴⁴	Grupo de treinamento auditivo com 13 deficientes mentais em oficinas em escola especial, dos quais 05 foram submetidos ao treinamento e 08 não, em 10 sessões de terapia	Obtiveram-se diferenças estatisticamente significantes entre os grupos nas habilidades de localização sonora, seqüência auditiva e discriminação auditiva. Concluíram pela efetividade da estratégia grupal para intervenção terapêutica instrumental auditiva.
Santana et al ³⁶	Experiência com grupos de cuidadores de afásicos para promover mudanças na postura dos mesmos em relação aos sujeitos afásicos.	Observaram um foco excessivamente clínico dos cuidadores, cujo objeto era discutir a afasia e não sua relação com os sujeitos afásicos, o que demandou a entrada de um psicólogo para mediar o grupo de modo a alcançar o objetivo proposto. Houve reflexos positivos para a reabilitação dos afásicos.
Panhoca e Bagarollo ³⁷	Grupo terapêutico com 4 crianças autistas na faixa etária de 4 a 8 anos, com vistas à socialização dos sujeitos.	Os resultados demonstraram que, embora a interação entre sujeitos tenha de ser mediada pelo terapeuta constantemente, há uma intensificação da interação no grupo, não vista no atendimento individual, abrindo mais possibilidades de desenvolvimento do que na terapia individual.
Guarinello e Lacerda ⁴⁵	Grupos de familiares de surdos em duas clínicas-escola. O grupo 1, mediado apenas por fonoaudiólogos e estudantes de fonoaudiologia, abordava temáticas como a descoberta da surdez, o diagnóstico, escolaridade do surdo, desenvolvimento da linguagem e interação familiar. O grupo 2 além de fonoaudiólogos, apresentava um surdo, instrutor de LIBRAS, o que acrescentava às temáticas já referidas, a experiência para aprendizado desta língua.	Os resultados proporcionaram uma experiência muito valorizada pelas famílias. Elas encontraram no grupo um espaço coletivo no qual puderam partilhar experiências, problemas, dúvidas e angústias. Os autores reiteram que o grupo terapêutico pôde facilitar a resolução de vários problemas e indicar caminhos para potencializar o desenvolvimento do surdo como um todo.

Figura 2 – Experiências Grupais Clínicas na Fonoaudiologia

ampliação da pesquisa sobre o trabalho grupal na promoção da saúde, sobretudo em áreas de conhecimento como a linguagem e a motricidade oral e que o fonoaudiólogo pode servir de apoio na formação dos agentes comunitários de saúde ³¹.

Em relação à atuação clínica, há trabalhos na área de voz ⁴⁰, voz em interface com motricidade orofacial ⁴¹, linguagem ^{36,37} e audição ⁴²⁻⁴⁵. Todas as experiências demonstram que o grupo permite troca de experiências e de conhecimento que engendam ressignificações dos distúrbios da comunicação, pelo compartilhamento do sofrimento e por reflexões de possibilidades de desenvolvimento a partir das novas relações e pelo próprio exercício da comunicação que o grupo permite ³⁹. Portanto, muito além de atender a demandas econômicas do sujeito e do sistema de saúde, o grupo terapêutico permite trocas que o atendimento individual não fornece, pois o sujeito observa que há outros sujeitos com problemas similares.

De certa forma, surgem alguns dos elementos já teorizados na área da psicologia ^{6,20} tais como os fatores terapêuticos ¹⁷ que demonstram que a universalidade, o altruísmo, auto-conhecimento, a aprendizagem vicária, entre outros, são aspectos que podem fazer-se presentes em qualquer grupo, terapêutico ou de educação em saúde ³⁶. Chama atenção a necessidade de se identificar possíveis papéis nos grupos terapêuticos fonoaudiológicos, a exemplo do que se observa na psicologia ⁶. Embora o grupo terapêutico fonoaudiológico tenha objetivos distintos dos grupos de psicoterapia, existe a possibilidade de que tais papéis operem no grupo fonoaudiológico, o que demandaria um cuidado com o papel do terapeuta na mediação dos mesmos.

As distintas metodologias para a abordagem grupal ⁵ também trazem um desafio para a reflexão do profissional em fonoaudiologia, pois deslocamentos e adaptações são necessários para se pensar a intervenção grupal nesta profissão. Pos-

sivelmente, a Fonoaudiologia deverá desenvolver metodologia própria em seu trabalho grupal, o que não a impede de assumir a interface necessária em alguns grupos com a psicologia como se viu em várias experiências relatadas, sobretudo aquelas em que se abordam os familiares de sujeitos portadores de distúrbios da comunicação.

A partir dos estudos revisados é possível sintetizar os principais aspectos para reflexão acerca da atuação grupal, conforme se visualiza na Figura 3.

■ CONCLUSÃO

Partindo do princípio que o ser humano é um ser instintivamente social, concluímos que atividades em grupo podem ser benéficas tanto emocionalmente quanto socialmente, auxiliando o indivíduo em suas relações pessoais e interpessoais, criando situações de diálogo, enfrentamento das dificuldades, funcionando como uma troca de experiências, as quais possam auxiliar na sua reabilitação e/ou na convivência com os demais.

O trabalho em grupo é uma forma eficaz de se trabalhar, tanto na clínica psicológica quanto na fonoaudiológica, assim como na saúde coletiva, servindo como uma forma de prevenção e promoção da saúde, utilizada em entidades públicas e privadas, não só para auxiliar na redução de filas de espera e agilizar a demanda dos atendimentos, mas principalmente como forma de potencialização dos sujeitos atendidos pelo compartilhamento que o grupo oferece. Isso o diferencia do atendimento individual.

O processo terapêutico grupal permite que os sujeitos despertem para assuntos desconhecidos e/ou inconscientes, discutam, reflitam, e transfiram para a vida conhecimentos importantíssimos que os auxiliarão a serem agentes de sua própria saúde durante ou após o período de terapia.

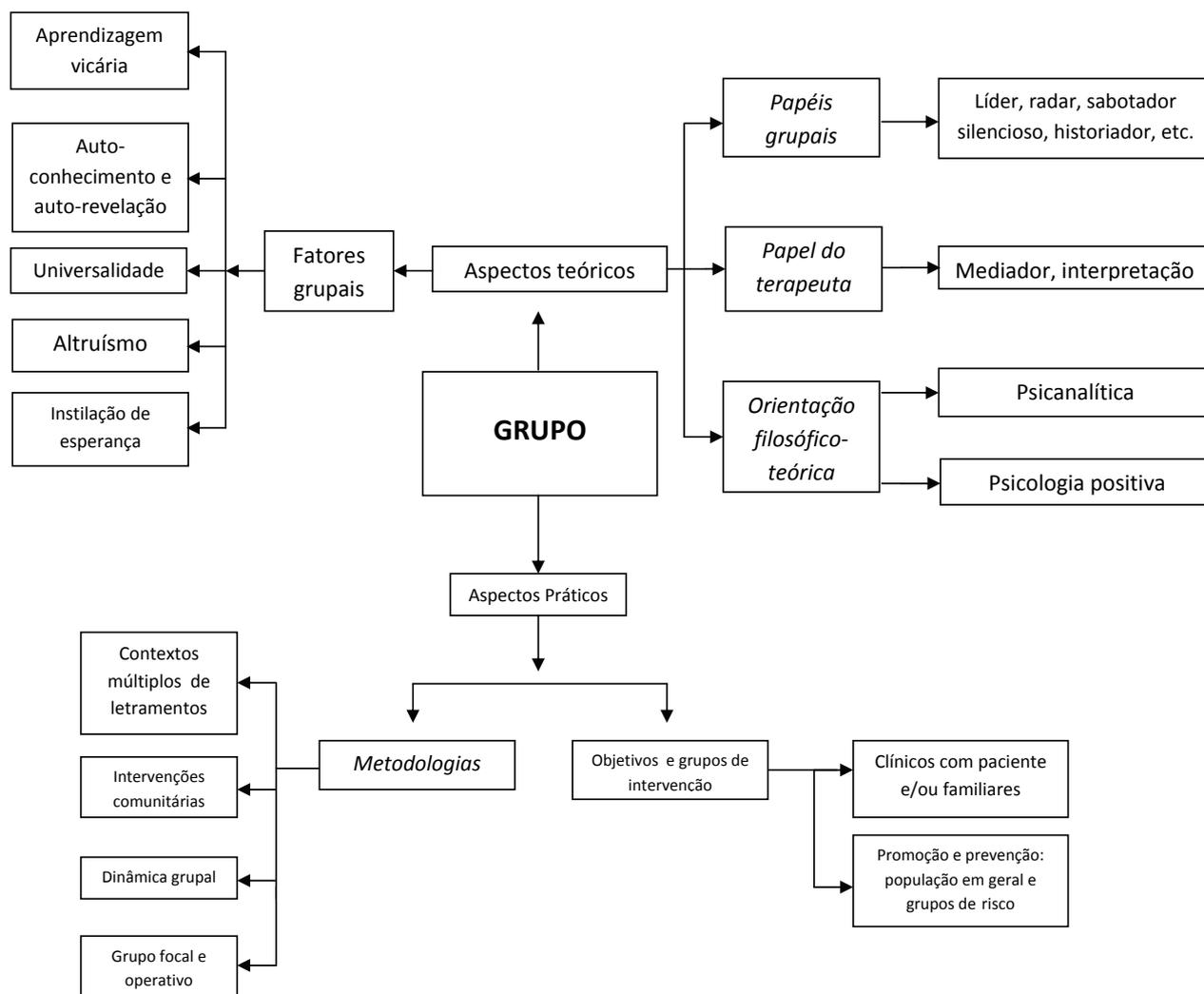


Figura 3 – Resumo dos aspectos grupais investigados

ABSTRACT

Background: the group in speech therapy. **Purpose:** to review the researches about the effectiveness of group therapy in collective health, and more specifically in speech therapy and in psychology under the Brazilian reality. **Conclusion:** the group was an efficient and efficacy intervention strategy, in all cases, because of its theatrical assumptions.

KEYWORDS: Therapeutics; Public Health; Speech Language Hearing Sciences; Psychology

REFERÊNCIAS

1. Bechelli LPC, Santos MA. O terapeuta na psicoterapia de grupo. Rev Latino-am Enferm. 2005; 13(2):249-54.
2. Friedman S, Passos MC. O grupo terapêutico em fonoaudiologia: uma experiência com pessoas adultas. In: Santana AP, Berberian AP, Massi G, Guarinello AC. Abordagens grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações. São Paulo: Plexus; 2007. p 138-63.
3. Meneghel SN, Bardiani R, Brener C, Teixeira G, Steffen H, Silva LV, et al. Cotidiano ritualizado: grupos de mulheres no enfrentamento à violência de gênero. Rev Ciênc Saúde Colet. 2005; 10(1):111-8.

4. Silva TR, Feldmam MC, Lima MHA, Nobre MRC, Domingues RZL. Controle de diabetes *mellitus* e hipertensão arterial em grupos de intervenção educacional e terapêutica em seguimento ambulatorial de uma unidade básica de saúde. *Saúde Soc.* 2006; 15(3):180-9.
5. Lemos PM, Cavalcante Júnior FS. Psicologia de orientação positiva: uma proposta de intervenção no trabalho com um grupo em saúde mental. *Ciênc Saúde Colet.* 2009; 14(1):233-42.
6. Zimerman D. Fundamentos básicos das grupoterapias. Porto Alegre: Artmed; 2000.
7. Corrêa MB. Considerações sobre terapia de grupo na clínica fonoaudiológica. In: Lier-De-Vitto MF, organizador. *Fonoaudiologia: no sentido da linguagem.* 2. ed. São Paulo: Cortez; 1994. p. 39-46.
8. Leite APD, Panhoca I. A constituição de sujeitos no grupo terapêutico fonoaudiológico: identidade e subjetividade no universo da clínica fonoaudiológica. *Rev Dist Comun.* 2003; 15(2):289-308.
9. Mercucci VC, Panhoca I. A constituição do sujeito no grupo terapêutico fonoaudiológico – linguagem e identidade. *Anais da 2ª Mostra Acadêmica da Universidade Metodista de Piracicaba – Congresso de Iniciação Científica.* Piracicaba; 2004. [CD ROM].
10. Santos VR. Fonoaudiologia e Grupo: construção de um processo terapêutico [dissertação]. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica; 1993.
11. David RHF. A fusão das cores: o sentido terapêutico na clínica fonoaudiológica em grupo [dissertação]. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica; 2000.
12. Chun RYS. Atuação fonoaudiológica em uma Unidade Básica de Saúde. In: Marchesan IQ, Bolaffi C, Gomes ICD, Zorzi JL, organizadores. *Tópicos em Fonoaudiologia.* Vol. 2. São Paulo: Lovise; 1995. p. 415-21.
13. Chun RYS. Voz profissional: repensando conceitos de prática na promoção da saúde vocal. In: Ferreira LP, Andrada e Silva MA, organizadores. *Saúde vocal: práticas fonoaudiológicas.* São Paulo: Roca; 2002. p.19-30.
14. Leite APD. O grupo terapêutico fonoaudiológico como possibilidade de intervenção junto a crianças disfônicas: análise de um processo. [dissertação] Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2007.
15. Bechelli LPC, Santos MA. Psicoterapia de grupo: como surgiu e evoluiu. *Rev Latino-am Enferm.* 2004; 12(2):242-9.
16. Guanaes C, Japur M. Contribuições da poética social à pesquisa em psicoterapia de grupo. *Estud Psicol.* 2008; 13(2):117-24.
17. Guanaes C, Japur M. Fatores terapêuticos em um grupo de apoio para pacientes psiquiátricos ambulatoriais. *Rev Bras Psiquiatr.* 2001; 23(3):134-40.
18. Vinogradov S, Yalom ID. Manual de psicoterapia de grupo. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992.
19. Ávila LA. A trofolaxes grupal: transtornos narcísicos e construções vinculares. *Psicol Estud.* 2007; 12(3):523-9.
20. Pichon-Rivière E. O processo grupal. São Paulo: Martins Fontes; 2005.
21. Zanella AV, Lessa CT, Da Ros SZ. Contextos grupais e sujeitos em relação: contribuições às reflexões sobre grupos sociais. *Psicol Reflex Crítica.* 2002; 15(1):211-8.
22. Bunchaft AF, Gondim SMG Grupos focais na investigação qualitativa da identidade organizacional: exemplo de aplicação. *Rev Estud Psicol.* 2004; 21(2):63-77.
23. Merlo ARC, Jacques MGC, Hoefel MGL. Trabalho de grupo com portadores de Ler/DORT: relato de experiência. *Psicol Reflex Crítica.* 2001; 14(1):253-8.
24. Fávero MH, Abrão LGM. “Malhando o gênero”: o grupo focal e os atos de fala na interação de adolescentes com a telenovela. *Psicol Teor Pesq.* 2006; 22(2):175-82.
25. Coutinho LG, Rocha APR. Grupos de reflexão com adolescentes; elementos para uma escuta psicanalítica na escola. *Psicol Clín.* 2007; 19(2):71-85.
26. Kehl MR. Sobre ética e psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras; 2002.
27. Brendler J, Silver M, Haber M, Sargent J. Doença mental, caos e violência: terapia com famílias à beira da ruptura. Porto Alegre: Artes Médicas; 1994.
28. Souza MM, Brunini S, Almeida NAM, Munari DB. Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com grupo de adolescentes. *Rev Bras Enferm.* 2007; 60(1):102-5.
29. Penteado RZ, Silvério KCA, Gonçalves CGO, Vieira TPG, Libardi A, Rossi D. Ações em Saúde vocal: proposta de melhoria do perfil vocal de professores. *Rev Pró-Fono.* 2008; 20(3):177-82.
30. Penteado RZ, Camargo AMD, Rodrigues CF, Silva CR, Rossi D, Silva JTC, et al. Vivência de voz com crianças: análise do processo educativo em saúde vocal. *Rev Dist Comun.* 2007; 19(2):237-46.
31. Brites LS, Ramos AP, Lessa AH. Fonoaudiólogo e agentes comunitários de saúde: uma experiência educativa. *Rev Soc Bras Fonoaudiol.* 2008; 13(3):258-66.
32. Gonçalves CGO. Análise do programa de apoio e reabilitação para trabalhadores portadores de PAIR em uma metalúrgica. *Rev Dist Comun.* 2007; 19(1):103-16.
33. Gonçalves CGO. Implantação de um programa de preservação auditiva em metalúrgica: descrição de uma estratégia. *Rev Dist Comun.* 2004; 16(1):43-51.

34. Chun RYS, Servilha EAM, Santos LMA, Sanches MH. Promoção da saúde: o conhecimento do aluno de jornalismo sobre sua voz. *Rev Dist Comun.* 2007; 19(1):73-80.
35. Almeida AAF, Ferreira LP. Cuidados com a voz: uma proposta de intervenção fonoaudiológica para adolescentes. *Rev Dist Comun.* 2007; 19(1):81-92.
36. Santana AP, Dias F, Serratto MRF. O afásico e seu cuidador: discussões sobre um grupo de familiares. In: Santana AP, Berberian AP, Massi G, Guarinello AC. *Abordagens grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações.* São Paulo: Plexus; 2007. p.11-38.
37. Panhoca I, Bagarollo MF. Sujeitos autistas em terapêutica fonoaudiológica grupal. In: Santana AP, Berberian AP, Massi G, Guarinello AC. *Abordagens grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações.* São Paulo: Plexus; 2007. p.121-37.
38. Penteadó RZ, Panhoca I, Siqueira D, Romano FF, Lopes P. Grupalidade e família na clínica fonoaudiológica: deixando emergir a subjetividade. *Dist Comun.* 2005; 17(2):161-71.
39. Machado MLCA, Berberian AP, Massi G. A terapêutica grupal na clínica fonoaudiológica voltada a linguagem escrita. In: Santana AP, Berberian AP, Massi G, Guarinello AC. *Abordagens grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações.* São Paulo: Plexus; 2007. p.58-79.
40. Leite APD, Panhoca I. Avaliação vocal em crianças disfônicas antes e após intervenção fonoaudiológica em grupo. *Rev Salus-Guarapuava.* 2008; 2(1):69-74.
41. Mourão LF, Servilha EAM, Mercuri AAS, Beilke HMB, Xavier PE. Grupo terapêutico-fonoaudiológico desenvolvido junto a laringectomizados totais: uma experiência em situação de Clínica-Escola. *Dist Comun.* 2006; 18(1):51-61.
42. Bascollo CC, Santos TMM. A deficiência auditiva e a família: sentimentos e expectativas de um grupo de pais de crianças com deficiência da audição. *Rev Dist Comun.* 2005; 17(1):69-75.
43. Moret ALM, Freitas VS, Ferreira MCF, Alvarenga KF, Bevilacqua MC. Curso de pais de crianças deficientes auditivas: estudo do conhecimento dos pais em um módulo intermediário. *Rev Dist Comun.* 2007; 19(1):25-37.
44. Santos JN, Couto ICP, Amorim RMC. Treinamento auditivo em oficinas: opção terapêutica grupal. *Pró-Fono.* 2006; 18(3):293-302.
45. Guarinello AC, Lacerda CBF. O grupo de familiares de surdos como espaço de reflexão e de possibilidades de mudança. In: Santana AP, Berberian AP, Massi G, Guarinello AC. *Abordagens grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações.* São Paulo: Plexus; 2007. p.105-20.

DOI: 10.1590/S1516-18462010005000042

RECEBIDO EM: 11/12/2009

ACEITO EM: 05/03/2010

Endereço para correspondência:

Ana Paula Ramos de Souza

Rua Raposo Tavares, 134 apto. 401

Santa Maria – RS

CEP: 97015-560

E-mail: ramos1964@uol.com.br